

humanitas

Vol. LV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LV • MMIII



A. COSTA RAMALHO
Universidade de Coimbra

ANOTAÇÕES A UM POEMA DE ANDRÉ DE RESENDE

THE AUTHOR HAD ONCE ADMITTED THE EMENDATION *Calliopem...ueridicam* FOR *Calliopē...ueridicā* IN LINES 15/16 OF RESENDE'S ODE TO JULIÃO DE ALBA. LATER ON HE REALIZED THAT THE EMENDATION WAS UNNECESSARY, BUT HE HAD NO OPPORTUNITY OF EXPRESSING HIS OPINION UNTIL NOW. IN A NOTE OF HIS PAPER "ASPECTOS DA PIETAS EM ANDRÉ DE RESENDE", *Actas do Congresso Catalão e André de Resende* (2002) p. 263, PROFESSOR AIRES A. NASCIMENTO RIGHTLY CONSIDERS THE EMENDATION UNNECESSARY. ON THE OTHER HAND, THE AUTHOR FINDS UNNECESSARY THE EMENDATION *mense Capri* FOR *mense Numae*, PROPOSED BY PROFESSOR NASCIMENTO IN THE FIRST LINE OF THE POEM, AND HE EXPLAINS WHY.

Num artigo intitulado "Lucius Andreas Resendius Lusitanus" ⁽¹⁾, a grande romanista Carolina Michaëlis de Vasconcelos provou que o "L." que antecede o nome em latim de André de Resende é uma abreviatura de *Lucius* e não de *Licenciado*, como alguns opinavam.

Mas juntava o comentário: "A razão por que preferiu Lúcio entre os prenomes mais usados na Roma antiga, adivinhe-a quem quiser ou puder."

Há muito que eu sabia que Lúcio estava associado à ideia de "luz" na opinião dos outros humanistas e dos familiares e amigos de Resende. Com efeito, em 1942, quando lia os manuscritos de André Falcão de Resende, para elaborar o *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca da Universidade de*

¹ *Dispersos. Originais Portugueses, I Varia* (1º. volume). Edição da Revista "Ocidente", Lisboa, 1969, p. 415-434.

Coimbra, relativos à *Antiguidade Clássica* (2), encontrei neles versos referentes a Lúcio André de Resende, seu tio, isto é, primo direito de seu pai, Jorge de Resende (3).

Citarei o começo da "Satyra ao Doutor Mestre Lucio André de Resende", actualizando a grafia:

Claríssimo Doutor entre os Romanos,
 Dos que em Parnaso mais estão no cume,
 Lúcio Resende, e luz dos Lusitanos.

Quando escrevi o *Catálogo*, era estudante de Filologia Clássica na Faculdade de Letras de Coimbra, mas não esqueci os Resendes, como provam artigos vários publicados posteriormente.

Entretanto, no Ms. FG. 6368 da Biblioteca Nacional de Lisboa encontrei uma ode latina de André de Resende na qual o humanista eborense convida o seu amigo Julião de Alba a vir jantar a sua casa, no dia em que celebrava o seu trigésimo quinto aniversário. Este dia é o da festa de Santa Lúcia ou Santa Luzia, a 13 de Dezembro.

Deste modo, fiquei a saber que "Lúcio", prenome latino de André de Resende, vem de "Lúcia". Assim sendo, o prenome tem significado cristão.

Escrevi então o artigo "Lucius Andreas Resendius. Porquê Lucius?" que saiu em *Humanitas* XXI-XXII, 1969-70, p. 353-364 e foi reimpresso nas duas edições de *Estudos sobre o século XVI* (1980, 1983).

Antes de ser publicado, o artigo fora lido na Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, numa sessão realizada em 24.02.1970.

Nesse tempo, os jornais costumavam publicar notícias das conferências realizadas, com os respectivos resumos que lhes eram enviados pelos autores. Foi o que sucedeu. E a informação sobre a data do aniversário natalício de André de Resende conheceu ampla divulgação e despertou algum interesse nos meios cultivados.

Anos mais tarde, o Prof. Paul Teyssier, catedrático da Sorbonne,

² Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de Estudos Clássicos, 1945.

³ A. Costa Ramalho, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Lisboa, FCG/JNICT, "1997, p. 223.

publicou em *Humanitas*, XXXI-XXXII, 1979-80, um artigo com o mesmo título do meu, "Lucius Andreas Resendius. Porquê Lucius?" em que não só concordava com as minhas conclusões, mas as reforçava com novos exemplos. Recentemente, o Prof. Aires A. Nascimento citou a ode resendiana no seu estudo intitulado "Aspectos da *pietas* em André de Resende", *Cataldo e André de Resende. Actas do Congresso Internacional do Humanismo Português (Coimbra, Lisboa, Évora)* Lisboa 2002. Na p. 263, n. 33, Aires do Nascimento acha desnecessária a emenda que eu propusera nos versos 15/16 (*Calliope... ueridicam*) preferindo manter o texto original (*Calliope... ueridica*).

Também, como regra geral, sou de opinião que o texto original deve ser mantido, sempre que possível. E neste caso, a opinião do Prof. A. Nascimento é também a minha, há muitos anos, embora tenha deixado escapar uma oportunidade de a formular, quando reeditei a tradução da ode na segunda edição de *Latim Renascentista em Portugal* (p. 204-205) em 1993. Aliás, não alterei a lição do manuscrito.

Na verdade, tanto o asclepiadeu menor (verso 15), como o glicónico (v.16), exigem que a vogal final de *Calliope* e de *ueridica* sejam longas. São portanto dois ablativos do singular (4), colocados em posição paralela nos dois versos: *Calliōpē* forma o primeiro coriambo do asclepiadeu menor (v.15) e *ueridicā* o coriambo do glicónico (v.16).

Esta posição paralela facilita a sua ligação (*Calliope... ueridica*) no mosaico de palavras, à maneira de Horácio, da estrofe resendiana.

Podemos mesmo considerar esta sequência como um "ablativo absoluto", embutido separadamente no conjunto da frase e dar-lhe em português as traduções habituais: *Calliope... ueridica*, "sendo Calíope... verdadeira"; "se Calíope diz a verdade"; "porque Calíope diz a verdade".

A ambiguidade, resultante do "ablativo absoluto", valoriza o discurso poético, como veremos na tradução com que termina a presente nota.

Concordo, portanto, em conservar o texto tal como nos é apresentado pelo manuscrito de Lisboa.

Mas já não me parece necessária a emenda que o Prof. Aires do

⁴ Note-se que *Calliōpē* podia ser igualmente nominativo do singular, noutras circunstâncias.

Nascimento propõe no verso inicial da ode, substituindo *Numae* por *Capri*.

Reconheço que *mensis Numae* em Ausônio e Sidônio Apolinar é o mês de Fevereiro que era o mês final do calendário tradicionalmente atribuído a Numa Pompílio⁵. Mas no calendário juliano, em vigor no tempo de Resende, o último mês era então, como hoje, o de Dezembro.

Dada a facilidade com que os humanistas adaptavam expressões antigas às realidades modernas, e tomado *mensis Numae* por "último mês do ano", teremos o mês de Dezembro. E os "Idos de Dezembro" são de facto no dia 13, data da festa de Santa Luzia.

Dou agora o texto da ode e a sua versão portuguesa, como apareceu em *Latim Renascentista em Portugal*, Lisboa, FCG/JNICT, "1993, p. 204-205 com ligeira alteração na tradução dos versos 15/16.

L. RESENDIVS IVLIANO ALBIO

Idus mense Numae, Lucia quo die
Inter Sicelides prima nitet deas
Septem retro mihi lustra uolubili
Defluxisse monent rota.

5 Primum hac luce caput Lucius extuli,
Emersique nouas aetheris in uagi
Auras, excipiens quem dea protinus
Blando Calliope sinu,

Musaeoque lauens amne, meus meus
10 Hic hic dixit erit. Diuitias licet
Saturni astra negent, non ego pauperem hunc
Mutem diuitibus decem.

Albi, quemque tenet caecus amor sui,
Solaturque famem Delphicus hic furor.

⁵ Cf. A Costa Ramalho, *Estudos Sobre o Século XVI*. Lisboa, INCM, "1983, p.208.

15 Sed tu Calliope stamina currere
Nobis ueridica putas.

Natali ergo meo neu tenuéis opes,
Neu mensam tenuem sperne potentior,
Quin ipso uenias tempore cum tribus,

20 Non ingratae, sodalibus.

Est hoedus mihi, iam cornua cui caput
Tuber reddiderunt, hornotina et scrofa
Nec dum mater, et ex corte auaria
Gliscens pullities cibo.

25 Nec Pomona aberit diuite copia
Nec deerunt facilis munera Nysii,
Curas quae anxiferas eluerint, data
Nigris pernicie cadis.

Vltra haec, carminibus fercula condiam,
30 Flacci Daedalos pone sequens modos,
Quamuis inferior, non tamen horridae
Inuentus fidicen lyrae

(*Biblioteca Nacional de Lisboa*, MS. F.G. 6368, fol. 328vº.-329vº.)

LÚCIO RESENDE A JULIÃO DE ALBA

Os Idos do mês de Numa, no dia em que Lúcia brilha como primeira entre as santas da Sicília, avisam-me de que sete lustros ficaram para trás em veloz carreira.

A esta luz, eu, Lúcio ergui a cabeça pela vez primeira e surgi para as auras novas do éter flutuante. E a divina Calíope logo me recebendo em seu brando regaço,

Enquanto me lavava na corrente das Musas, disse: "Meu, meu será este; ainda que os astros de Saturno lhe neguem riquezas, não trocarei este pobre por dez ricos".

Álbio, a todos possui um cego amor próprio e consola a ambição esta inspiração poética. Mas tu crês que, sendo Calópe verdadeira, os fios correm a meu favor.

Por isso, no meu dia de anos, ainda que mais poderoso, não desdenhes meus pobres recursos nem mesa pobre. Antes vem, tu que não és ingrato, com três companheiros, na hora justa!

Tenho um cabrito, cuja cabeça já engrossam as hastes, e uma porca dum ano, que ainda não foi mãe, e da capoeira vem um frango que lá engorda.

Também Pomona não estará ausente com a sua abundância. E não faltarão os dons do fácil Niseu, que hão-de dissipar os cuidados ansiosos, se esvaziarmos negros pichéis.

Além disso, adubarei de versos os pratos, seguindo na esteira dos ritmos hábeis de Flaco, decerto inferior a ele, mas não julgado poeta de lira destemperada.

MARGARIDA MIRANDA
Universidade de Coimbra

MÚSICA PARA O TEATRO HUMANÍSTICO EM PORTUGAL:
Dom Francisco de Santa Maria, Miguel Venegas S. I. e o
Colégio das Artes de Coimbra
(1559-1562)

XVI century's Jesuit Theatre brought about the rising of a new musical genre in Portugal, which was a conscious attempt at restoring certain characteristics of the Music for Chorus in ancient Greek drama. An unpublished letter found in the Jesuit Roman archives, written by the same time in which the earliest plays by M. Venegas S.I. were being written in Coimbra, says that the Chorus performs *optime more tragico*. The *cantus* parts of Venegas' *Tragoedia Achabi* were written by Dom Francisco de Santa Maria, and the extant parts of that work have recently been found in the Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (MM 70). Dating from 1562, these parts are the earliest of Humanistic Theatre. After a short analysis of this music, the A. concludes that, in Portugal, thanks to the interaction of playwright and music composer, the sort of music that was composed for performances at the Jesuit schools, rather than being a simple theatrical ornament, was profoundly shaped after classical Rhetoric principles.

Os Coros dramáticos do teatro jesuítico

Sine musica theatrum non delectat

Quem quiser estudar o teatro neolatino em Portugal não pode prescindir do auxílio de um texto programático, concebido por um jesuíta longos anos professor no Colégio das Artes de Coimbra, para acompanhar a edição da sua obra dramática, em 1605.¹ No *Praefatio ad lectorem*, Luís da Cruz expõe os

¹ *Tragicae comicaeque actiones a regio Artium Collegio Societatis Iesu, datae Conimbricae in Publicum Theatrum. Autore Ludovico Crucio eiusdem Societatis, olisiponensi. Nunc primum in lucem editae et sedulo diligenterque recognitae. Cum privilegio. Lugduni, apud Horatium Cordon. MDCV.*

Para um estudo global do teatro neolatino em Portugal vd. Claude-Henri Frèches, *Le Théâtre Neo-Latin au Portugal (1550-1745)*, Paris, Lisbonne, 1964.